



RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NA CONQUISTA DO MÉXICO ANTIGO

BORDIN Reginaldo Alijandro

MELO José Joaquim Pereira

Eixo Temático: História da Educação

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Neste trabalho nosso objetivo é analisar a concepção de educação que Hernán Cortés adotou após conquista do México. A seu pedido, os religiosos da Ordem de São Francisco desembarcaram na Nova Espanha para realizar os trabalhos religiosos e educacionais. Construíram igrejas e escolas, cuja finalidade era a docilização dos nativos, por meio dos conteúdos religiosos e morais. As razões que levaram Cortés a optar por essa ordem religiosa indicavam que ele queria construir um modelo de igreja que colaborasse com a conquista dos nativos. A proposta de analisar a concepção educacional de Hernán Cortés implica considerar as condições amplas em que ocorreu a conquista do México, os princípios que orientavam os franciscanos, especialmente seu relativo grau de autonomia ao Vaticano e o projeto político de dominação e exploração de Cortés. O pressuposto teórico é o de que a produção material da vida e o desenvolvimento das forças produtivas são a base sobre a qual se constroem as estruturas sociais, políticas e pedagógicas. Além das fontes atuais sobre o tema, selecionamos como fontes primárias as *Cartas de Relación* de Cortés e o *Código do Franciscano*, documentos nos permitem entender os interesses e as lutas daquele período, enfim, as complexas relações que permearam a conquista e que orientaram os princípios educacionais que formaram o homem mexicano.

Palavras-chave: México. Conquista e Educação. Hernán Cortés. Franciscanos.

Introdução

No final da segunda década do século XVI, Hernán Cortés (1485 -1547) desembarcou com um pequeno grupo de homens no México, para conquistá-lo e colonizá-lo. A conquista do Novo Mundo, iniciada no final do século XV e que era resultado do desenvolvimento do capitalismo mercantilista daquele momento, contou com o empenho de soldados e também de religiosos que chegaram logo após a conquista, para iniciar o trabalho de conversão dos nativos à fé católica. No caso do México, os Franciscanos¹ vieram por recomendação do conquistador e a finalidade desses missionários era a de realizar o trabalho de catequização

¹ Outras ordens religiosas também vieram ao México: os Dominicanos em 1526 e os Agostinianos, em 1533.

dos nativos e assim contribuir, por meio da religião, para a docilização dos nativos.

A presença da igreja no México, além das atribuições religiosas, a exemplo da conversão dos seus habitantes, apressava a submissão, a europeização e a lealdade à Coroa e, por extensão, ao conquistador espanhol, além de legitimar a posse do território conquistado. A cristianização dos nativos implicava, portanto, situações complexas e abrangentes. De um lado, havia as relações conflituosas entre Estado e Igreja, uma vez que a política eclesiástica tornou-se um aspecto da política colonial, coordenada pelo Conselho das Índias, após 1524. Os cargos eclesiásticos, com essa relação, eram indicados pela Coroa e também o pagamento de salários e a construção de igrejas. Por outro lado, a Europa passava por situações controversas: os movimentos reformistas tornavam-se mais intensos, com constantes ameaças de cismas, o que obrigava a igreja a defender suas práticas (BARNADAS, 1998).

Assim, enquanto a igreja católica, representada nos Franciscanos, via nas terras do México uma possibilidade de restaurar o que chamavam de igreja primitiva, Hernán Cortés utilizava o trabalho dos religiosos para garantir a legitimação de sua conquista. Importa considerar que o comparecimento dos religiosos no México, indica que o processo de dominação não contava apenas com o recurso das forças bélicas, mas incluiu uma arma mais silenciosa: o uso da religião e da educação como instrumentos de pacificação, como se apresentará neste trabalho.

Religião e educação no México colonial

A vinda dos espanhóis para o México e sua conseqüente colonização, foi extensão de uma série de acontecimentos importantes que deram origem ao mundo moderno. Articulada a um conjunto de fatores que tinham no comércio seu pressuposto central, o que levou a Espanha a ocupar partes do continente americano, a ocupação resultou na alteração das relações econômicas, sociais, religiosas e ideológicas do México. Desse ponto de vista, as bases da vida econômica dos nativos foram alteradas para satisfazer às necessidades de seus exploradores, o que determinou novas relações sociais e pedagógicas. A educação, nesse processo, assumiu um papel importante porque colaborou para consolidar a dominação espanhola, já que cumpriu a finalidade de pacificar os nativos preparando-os para o trabalho, por meio das práticas catequéticas cristãs.

Coube principalmente aos franciscanos a função de catequizar os mexicanos. Convocados para atender às demandas dos interesses imediatos de Cortés, apresentados como

supostos interesses da Coroa Espanhola, os franciscanos agiram no sentido de oferecer uma formação correspondente às exigências do novo modelo econômico que se construía por meio da dominação realizada pelo espanhol. Em razão desta opção de Cortés, pergunta-se: quais motivos levaram Hernán Cortés a priorizar a ação dos franciscanos? Por que o conquistador espanhol conferiu a tarefa de evangelização aos franciscanos, e não aos padres seculares?

É possível que a escolha dos que deveriam se dedicar ao trabalho religioso não tenha sido aleatória e casual: Cortés escolheu os franciscanos porque o ordenamento religioso adotado pela igreja na Europa, mesmo que em franca decadência, contraditoriamente, permanecia ainda resistente na Espanha. Os franciscanos se ajustavam melhor aos interesses do conquistador uma vez que possivelmente não interferiam diretamente nos negócios de Hernán Cortés.

Além disso, Cortés também tinha motivos econômicos e políticos para recusar outras ordens religiosas não tão despojadas dos bens materiais e das relações políticas e de poder, bem como de padres seculares, em grande medida já corrompidos por esses mesmos benefícios. Parece também, não desejava construir uma igreja próxima demais de Roma porque esta poderia inviabilizar seu projeto pessoal de poder no México, visto a relação de poder que a igreja já havia estabelecido em outras regiões americanas. Ao contrário, queria uma instituição que ajudasse na pacificação dos nativos e não interferisse em seu projeto pessoal de colonização.

Uma outra questão a ser considerada em relação à escolha de Cortés, está relacionada ao que pensava do clero secular: para ele os padres estavam apegados à hierarquia eclesiástica, às pompas e outros “vícios”. Essa hipótese pode não ser verdadeira uma vez que, embora submissos ao seu bispo, os padres tinham certa autonomia e não faziam voto de pobreza, além de participarem ativamente da vida política, atitude que sinalizava divisão de poder exercido por religiosos em territórios americano.

Porque habiendo obispos y otros prelados no dejarían de seguir la costumbre que, por nuestros pecados hoy tienen, en disponer de los bienes de la Iglesia, que es gastarlos en pompas y en otros vicios, en dejar mayorazgos a sus hijos o parientes; y aun sería otro mayor mal que, como los naturales de estas partes tenían en sus tiempos personas religiosas que entendían en sus ritos y ceremonias, y alguna cosa fuera de esto a alguno se le sentían era punido con pena de muerte; y si ahora vieses las cosas de la Iglesia y servicio de Dios en poder de canónigos u otras dignidades, y supiesen que aquellos eran ministros de Dios, y los vieses usar de los vicios y profanidades que ahora en nuestros tiempos en esos reinos usan, sería menospreciar nuestra fe y tenerla por cosa de burla; y sería tan gran daño, que no

creo aprovecharla ninguna otra predicación que se les hiciese (CORTÉS, 2004, p. 257).

Apesar de manter certa distância do clero secular, suas críticas a ele eram moderadas ou cuidadosamente pensadas: Cortés era um fora da lei que se comunicava com um monarca cristão fervoroso e, por isso, suas críticas representavam atitude de risco, motivo que o levava a ser cauteloso.

Em face dos “maus costumes” que acreditava ter os padres seculares e por não desejar compartilhar poder, Cortés teria escolhido a Ordem Franciscana por dois motivos, pelo menos: primeiro, porque ela se destacava entre as Ordens mendicantes; segundo, porque Cortés acreditava que os religiosos seguidores de São Francisco de Assis não tinham a preocupação de acumular riquezas e poder. O conquistador entendia que os franciscanos poderiam colaborar mais intensamente na formação dos nativos para o trabalho, a obediência e o servilismo. Na execução dessa tarefa, os freis tinham certa liberdade, já que poderiam se mover pelo interior do México, sem estar confinados às suas paróquias (RICARD, 2000).

A escolha de Cortés não era uma via de mão única. Era necessário que os franciscanos aceitassem a incumbência. Possivelmente eles o fizeram por dois motivos: primeiro porque na Europa já se pensava nos nativos americanos como uma nova messe do cristianismo; segundo, porque eles tinham interesse em cristianizar o México, recuperando o espaço que já haviam perdido e, ainda, vislumbravam perder na Europa, em face do movimento reformista. Os franciscanos, como os homens religiosos do século XVI, particularmente o espanhol, que ainda respiravam o ambiente medieval, ao mesmo tempo em que travavam uma luta contra as chamadas heresias e a Reforma Protestante, a Nova Espanha² soava como um espaço privilegiado para a recuperação de almas e, como resultado, a expansão de fiéis para o catolicismo.

É possível que os religiosos acreditassem que era possível implantar, expandir e consolidar o reino de Cristo na terra a partir da recuperação e orientação de práticas da Igreja primitiva, livre das influências do decadente mundo europeu (BARNADAS, 1998). Nessa perspectiva, os primeiros religiosos que no México estiveram teriam tido a pretensão de organizar um mundo novo, o que implicava uma ruptura com o antigo.

Para realizar a nova cristandade, não bastavam os ideais religiosos. A expansão

² Divisão política do império colonial espanhol.

franciscana e, por extensão, a espanhola, encontrou na educação religiosa uma aliada que tinha pelo menos duas atribuições: ela colaborava para erradicar formas tradicionais de organização das crenças indígenas e também era um meio de legitimar a posse do território, em nome da Coroa Espanhola, sob a batuta de Cortés. De fato, desde a promulgação da bula *Inter Caetera*, em 1493, a conversão dos nativos era não somente um dever moral, mas também uma obrigação jurídica. Segundo Christian Duverger, Hernán Cortés não ignorava os termos da bula e procurava respeitá-la, protegendo-se contra qualquer disputa jurídica e religiosa que pudesse ameaçar sua conquista e a relação de poder que ele pretendia estabelecer (DUVERGER, 1993).

Ao chegar no território conquistado em 1523 e 1525, esses missionários fundaram escolas e igrejas e iniciaram o trabalho de catequese, com a finalidade de cristianizar os nativos mexicanos. Apesar das dificuldades e resistências dos nativos, a nova fé se difundiu. Segundo María de los Ángeles Romero Frizzi, os espanhóis usaram como estratégia batizar primeiro os nobres nativos para depois ensinar os conceitos e os fatos essenciais do cristianismo, tais como a crucificação de Cristo e a importância dos sacramentos, utilizando gravuras como material didático (FRIZZZI, 2000).

A instrução moral e religiosa se esbarrava em um limite, o da língua dos nativos. O seu desconhecimento obrigou os religiosos a aprendê-las, para uma melhor exposição dos mistérios da religião cristã. Eles elaboraram catecismos e livros da doutrina que pregavam em dialeto nativo, favorecendo o trabalho pastoral. A educação religiosa foi complementada com os colégios onde, além de ensinar a nova crença, se iniciava o estudo de outras matérias, assim como comportamentos aos moldes europeus (ESCUADERO, 1992).

Nesses estabelecimentos, os franciscanos desenvolviam o ensino em três etapas, enfatizando os seguintes conteúdos: para a escola primária, a educação moral, a leitura, a escrita e a doutrina cristã; para a secundária ou técnica, o ensino dos ofícios e do trabalho manual; na terceira etapa, ensinariam gramática, retórica, filosofia, além de música e latim.

O *Código Franciscano* contém a lista de conteúdos e atividades ensinados nas escolas. As crianças nativas aprendiam as orações e os elementos centrais da doutrina cristã, a exemplo da história da salvação, dos santos e dos princípios básicos da doutrina. Os religiosos ensinavam os mandamentos e os comportamentos que as crianças deveriam assimilar para ser consideradas boas cristãs.

Todos los buenos cristianos para (...) alcanzar y conseguir la salvación, les conviene mucho saber todas las cosas siguientes. La primera, las cosas que se han de creer, como son los Artículos de la fe. La segunda, los Mandamientos de nuestro Señor Dios. La tercera, los Mandamientos de la Sancta Iglesia, y todas aquellas cosas por las cuales Nuestro Señor hace misericordia, que son los Sacramentos. La cuarta, les es necesario saber qué quiere decir pecado pequeño, el cual se llama pecado venial, y por cuántas cosas se perdona. La quinta, que sepan qué quiere decir pecado mortal, y los que lo cometen de cuántas cosas buenas se privan y son ajenos, y también los que hacen alguna buena obra, qué galardón les dará Nuestro Señor, y cuántos son los pecados mortales. Y las cuántas son las virtudes, las cuales son contrarias y hacen guerra á los pecados mortales (CÓDICE FRANCISCANO, 1941, p. 34).

Se a primeira etapa da educação começava com a formação religiosa e moral dos jovens, a segunda tinha outra finalidade: a técnica ou prática. Nesta perspectiva, era preciso ensinar os benefícios do trabalho, proporcionando-lhes um ofício. Os religiosos defendiam o ponto de vista de que a prática do trabalho manual impediria os nativos de cair no ócio, fonte dos vícios, e seria, por si só, um meio de elevação moral. Por outro lado, o trabalho dava aos nativos meios para ganhar a vida, além de pôr um cimento de estabilidade social, contribuindo, portanto, para a consolidação do Império espanhol e da Igreja (RICARD, 2000).

A educação implantada pelos franciscanos no México não era exclusiva para a nobreza, que tinha a finalidade de aprender a ler e a escrever para colaborar na administração local e na realização dos serviços religiosos. A educação se estendia para todos os nativos, inclusive aos pobres. Os meninos e meninas pobres, além de aprender a doutrina cristã, também eram instruídos a seguir os ofícios de seus pais, a fim de contribuir para a manutenção econômica.

Los que miran y consideran las cosas conforme á la calidad y necesidad de cada una dellas, no enseñan indiferentemente á los niños hijos de los indios, sino con mucha diferencia, porque á los hijos de los principales, que entre ellos eran y son como caballeros y personas nobles, procuran de recogerlos en escuelas que para esto tienen hechas, adonde aprenden á leer y escribir y las demás cosas que abajo se dirán, con que se habilitan para el regimiento de sus pueblos y para el servicio de las iglesias, en lo cual no conviene que sean instruidos los hijos de los labradores y gente plebeya (CÓDICE FRANCISCANO, 1941, p. 55).

É essa forma de educação que dava aos jovens os instrumentos para aprofundar o conhecimento religioso, tendo em vista a sua docilização. No México, a religião e a escola representavam instituições que colaboraram para manter a influência dominante dos espanhóis sobre a sociedade nativa e sua cultura. Elas possibilitaram manter certa ordem e

evitar convulsões sociais, já que a conquista européia que destruiu a sociedade nativa não foi pacífica.

Assim, importa considerar que a conquista do México não foi apenas militar, já que o estabelecimento das instituições religiosas também fazia parte do processo de conquista. Os colonizadores, a exemplo de Cortés, recorreram à religião como instrumento que possibilitava a legitimação do território tomado. Depois da ação militar e política, seguia-se o trabalho evangelizador dos missionários que penetravam nas regiões mexicanas fundando pequenas comunidades, a fim de realizar o trabalho religioso. Escolas também foram criadas com a finalidade de alfabetizar a população nativa, contribuindo para a sua docilização e dominação.

Considerações finais

O descobrimento e a conquista do México ocorreram sob o domínio da Espanha, atraída pelos lucros que as terras desconhecidas poderiam oferecer. O interesse pela expansão marítima tinha uma natureza econômica e, por esse motivo, os espanhóis não mediram esforços para dominar e colonizar o deslumbrante império asteca de Moctezuma³ (1466 - 1520).

O domínio das populações que ocupavam as planícies mexicanas foi possível graças a habilidade do capitão Hernán Cortés, que tratou de conquistar e pacificar os nativos, em nome da Coroa e também de seus próprios interesses. Na subjugação dos nativos, Cortés foi persuasivo com as armas e também na artimanha política. Na medida em que conquistava novos territórios, ele apressava a instrução religiosa por meio do trabalho de catequização dos franciscanos. As atividades realizadas por eles, incluíam levantar igrejas e escolas, reunir os nativos para doutriná-los na fé cristã e em aspectos mínimos da cultura hispânica. Enfim, o domínio do México contou com a participação dos religiosos na conquista espiritual e na organização da vida social mexicana.

REFERÊNCIAS

BARNADAS, Josep M. **A Igreja Católica na América Espanhola Colonial**. In. BETHEL, L. (ORG) *América Latina colonial*. São Paulo: EDUSP, 1998. Vol. I.

CÓDICE FRANCISCANO. **Cartas de religiosos**. México: Editorial Salvador Chavez

³ Moctezuma Xocoyotzin foi uma dos últimos imperadores astecas.

Hayhoe, 1941.

CORTÉS, Hernán. **Cartas de relación**. México: Editorial Porrúa, 2004

DUVERGER, Christian. **La conversión de los indios de Nueva España**: con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernardino de Sahagún (1564). México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ESCUDERO, Antonio Gutiérrez. La primitiva organización indiana. In.: SALMORAL, Manuel Lucena (org). **Historia de Iberoamérica**: historia moderna. Madrid: Catedra, 1992, tomo II

FRIZZI, María de los Ángeles Romero. Los primeros contactos: la experimentación y la estructuración de la nueva sociedad mesoamericana de 1517 a mediados del siglo XVI In. FRANKLIN PEASE, G.Y.; PONS, Frank Moya. **Historia general de América latina**: El primer contacto y la formación de nuevas sociedades, vol. II. Paris: Ed. Unesco, 2000.

RICARD, Robert. **La conquista espiritual de México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.